

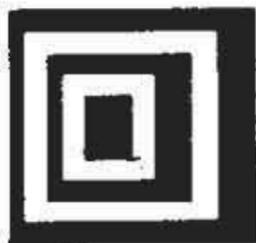
# CONVERGÊNCIA

JUNHO - 1969 - ANO II - Nº 15

O fulano de tal não é um ser abstrato. Não é peça de máquina. Não é cliente de Paróquia. O fulano é o homem. São todos os homens com suas alegrias, com suas tristezas, com sua esperança de Deus.



QUEM É O FULANO ?



## PRESENTE, PASSADO FUTURO

A inserção no tempo e na história é uma das características do cristianismo. É mesmo o que o distingue de certas religiões orientais ou de certas filosofias ocidentais dominadas pelo mito do eterno retorno. O cristianismo, com antecipações no judaísmo, crê na intervenção de Deus na história da humanidade. Procura discernir nos acontecimentos as manifestações inequívocas da ação divina. A encarnação do Verbo foi a manifestação máxima de Deus entre nós, a *hierofania* ou a *epifania* por excelência.

Conseqüentemente, o cristão tem uma concepção original da história, concepção diferente das de outras religiões. De acordo com sua fé, ele se situa em relação ao tempo, face ao presente, ao passado e ao futuro. O passado é considerado por ele como o tempo da pedagogia divina, conduzindo os homens a um conhecimento cada vez mais explícito das maravilhas de Deus. O passado é considerado como a fonte da revelação e da graça, atingindo sua plenitude na pessoa de Cristo. Ao contrário, porém, de certas religiões fixadas no imobilismo, o cristão sabe que o conhecimento da verdade e a vivência da graça realizam-se progressivamente, sob a ação do Espírito, na Igreja e em cada um de seus membros. O futuro polariza toda a dinâmica do cristianismo. É a procura do reino de Deus, é a busca da plenitude consumada, a tendência para a suprema realização em Cristo. Entretanto, o cristão sabe que o reino começa a implantar-se neste mundo, que a graça é uma semente depositada no tempo, em pleno contexto humano, que a vida do cristão é uma marcha para a eternidade. Por isso o cris-

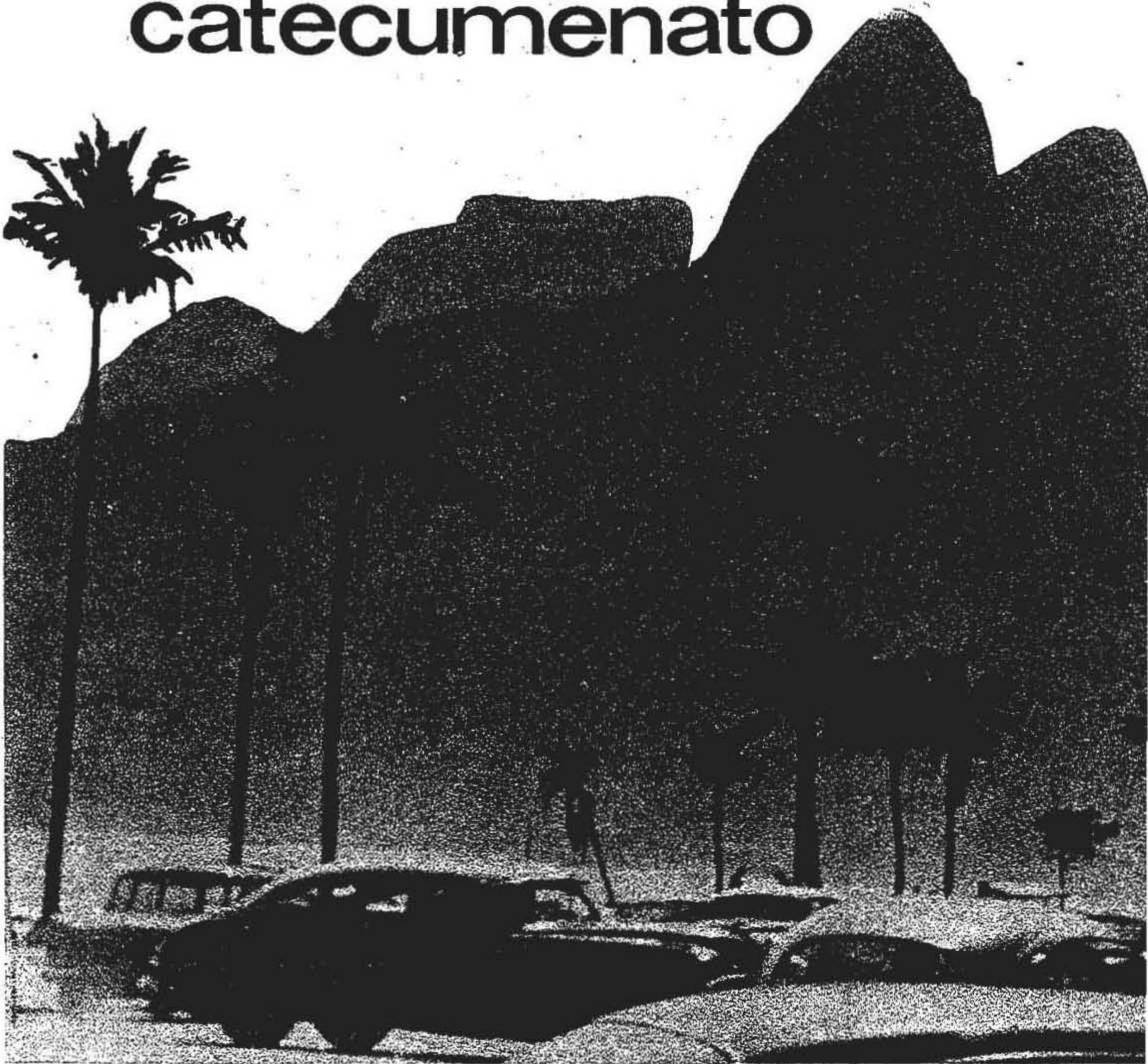
tão deve viver plenamente, na fé, o momento presente. O cristão é aquele que reconhece o tempo da intervenção de Cristo em sua vida e na história da Igreja. O cristão é aquele que sabe *resgatar* o tempo, como diz São Paulo (Ef 5,16).

Ninguém melhor que Kierkegaard exprimiu esta verdade, num trecho famoso de seus *Discursos Cristãos*: "Justamente porque crê, o cristão se libertou do amanhã. Ele é um *presente*. Quem se atormenta com o futuro é um ausente, um impotente. Aquêle que crê no presente, é contemporâneo de si mesmo. O que há de mais próprio para desenvolver e elevar o homem é ser, graças ao eterno, contemporâneo de si mesmo no dia de hoje. É assim que se ganha a eternidade. Ora esta contemporaneidade do dia presente é, justo, o nosso trabalho. Aquêle que o realiza tem a fé". O cristão, com a sua fé nos bens futuros, está longe de ser um alienado, que não se preocupa com o ambiente em que vive, com a realidade complexa que o circunda.

Mais do que nunca, procurando levedá-la e orientá-la para a plenitude de Cristo, o cristão e o religioso devem procurar inserir-se na massa variada, organizada ou informe, estável ou agitada, massa em formação e desenvolvimento.

Por isso iniciamos neste número a apresentação de algumas experiências em que sacerdotes e leigos, religiosos e religiosas se esforçam, não só para dar a seu cristianismo um verniz de modernidade, um *aggiornamento* de "roupas", mas, voltando às fontes e se colocando numa linha de prospectiva, procuram levar para Deus, o mundo contemporâneo.

# catecumenato



«Até agora houve sobretudo uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização. Hoje, as transformações do Continente exigem revisão dessa pastoral, a fim de que se adapte à diversidade e pluralidade do povo latino-americano» (II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano — Pastoral das Massas).



José Sotero Caio

NA Zona Pastoral Sul do Rio de Janeiro, Vicariato de Copacabana, vem se realizando, há cerca de um ano, uma experiência de catecumenato batismal que, com suas promessas implícitas e suas dificuldades constantes, situa-nos de cheio e imediatamente dentro de uma problemática global de Igreja.

Em ponto, por assim dizer, *microscópico*, essa experiência nos introduz, de maneira sintomática e privilegiada, no âmago das relações pastorais (existentes e questionáveis) tanto do cristianismo católico brasileiro, como talvez de todo o nosso mundo cristão ocidental...

É possível, pois, afirmar que o catecumenato batismal revelou-se, no Vicariato Sul, como o primeiro passo estratégico para colocar nossas paróquias numa linha de *comunidades de evangelização* (sobretudo de adultos).

Vê-se logo, a esta altura, que, por sua própria natureza, o catecumenato batismal, uma vez assumido, levará, como meio caminho, a uma estruturação paróquial missionária e evangelizante. E quebrará, em consequência, os quadros atuais do sacramentalismo instalado e sociológico.

Mas é aí que tocamos, precisamente, no ponto crucial que explica os retrocessos em que muitos núcleos paroquiais se vêm situando em relação à nova pastoral deste catecumenato. Retrocede-se, acomoda-se ou nada mesmo se faz, primeiro, em razão da lei sociológica de inércia, ou melhor, de *estratificação ou endurecimento* do sacramentalismo instalado, depois, em razão (ou razões) das dificuldades de se cria-

rem novos quadros paroquiais que exigirão, necessariamente, uma mudança de mentalidade no clero e em grupos de leigos acostumados, correlativamente, a uma passividade quase absoluta quanto aos destinos da paróquia.

Em suma, o catecumenato mostra-se difícil porque o seu dinamismo interno tende a modificar o sistema de *hábitos religiosos* os quais, por sua natureza de hábitos, têm um *instinto de conservação* enraizado em nós mesmos.

Daí por que é preciso tornar bem nítida diante de nossa consciência esta afirmação: *o dinamismo interno do catecumenato transformará nossas estruturas paroquiais, e não apenas nosso modo de viver o cristianismo, em todas as suas dimensões*. Se conseguirmos ver isto bem, de duas uma: ou assumimos a sua continuação em pastoral de conjunto, de modo agudamente consciente, e com todas as suas consequências, ou paramos logo e voltamos atrás, “deixando como estava para ver como é que ficaria”. Entretanto, esta segunda atitude só seria tomada com a consciência lúcida de termos falhado a uma promessa e de termos voltado as costas aos “campos, porque já estão brancos para a ceifa” (Jo 4,35).

---

#### Uma situação e um dinamismo

---

O catecumenato (batismal, eucarístico, matrimonial etc.) é profundamente transformador. Daí a resistência passiva (em geral de boa fé e inconsciente) que êle encontra. E, note-se, êle é trans-

formador, não obstante sua atual aparência conservadora.

Sua aparência conservadora consiste no fato de, na presente etapa (que mal começou e já é tão embaraçada), ele se ter montado numa estrutura paroquial "sacramentalizada", ou melhor, "sacralizante". Assim, começamos a fazer catecumenato "baptismal" para os adultos, *por ocasião* do batismo das crianças, catecumenato "eucarístico" (que também já começamos aqui, explicitamente) por ocasião da primeira eucaristia dos garotos, etc. Entretanto, essa *montagem* numa estrutura sacramentalista ou sacralizante é por força da situação em que se encontram nossas instalações paroquiais. O catecumenato, de si mesmo, carrega outro espírito, embora se encarne na estrutura da paróquia que existe hoje, concretamente.

O seu espírito é de outra natureza. É *evangelizante e querigmático*. O catecumenato inspira-se na necessidade de se falar agora a um povo que ainda procura (muitas vezes mágicamente ou, então, numa fé nebulosa) os sacramentos, *de se falar de Cristo ressuscitado, que morreu e vive para sempre, e vive a nossa vida, e é nossa existência e o seu sentido*. O catecumenato é a mensagem do sentido real da vida humana, esta vida em que os "cristãos", infelizes e habitualmente, confundem uma certa religiosidade com a fé no Deus de Jesus Cristo. Em poucas palavras, a presente experiência de catecumenato pretende concretamente *evangelizar*. Visa conduzir as pessoas a uma consciência profunda do batismo, o que vale dizer, a uma visão clara de mudança radical que já se operou no mundo e que é preciso se tornar uma atitude de vida. Ora, nesta linha, pelo menos em seu ponto de partida, o catecumenato nada tem a ver com os sacramentos. Sua relação com eles

é a de ponto de chegada, é o resultado de uma transformação assumida na fé, na esperança e na caridade.

---

### Um dinamismo e uma transformação

---

Segundo a dinâmica interna do espírito evangelizador e querigmático do catecumenato, é muito natural que ele chegue a se libertar da estrutura sacramentalista em que é necessário, por enquanto, montá-lo. Ora, esta libertação se fará numa etapa nova de amadurecimento, cujos sinais já podemos apontar aqui e ali, em certos núcleos paroquiais de nosso próprio centro pastoral. Na medida mesma em que isto acontecer ou fôr acontecendo — vale a pena sublinhá-lo — haverá uma crise na estrutura sacramentalista atual em que estamos instalados, em nossas paróquias.

Eis aonde leva a dinâmica interior do catecumenato. E certas pessoas nêle engajadas desde o princípio, estão descobrindo cada dia mais nitidamente a independência entre a evangelização, que é preciso fazer, e o "*por ocasião*" dos sacramentos, em que ora se situa o exercício desta evangelização incipiente. Com efeito, já há casos de pessoas que desejam "adiar" o batismo, além do tempo de preparação oficialmente previsto pela atual organização. Há também casos de pessoas que insistem em *continuar a "revelação"* que encontraram, nas reuniões ou nas visitas que lhe foram proporcionadas. E há, além disso, pessoas que se entrosam na pequena comunidade catecumenal em embrião, independentemente de qualquer previsão de sacramento a receber.

Tudo isto confirma o que já se tem o direito de prever e o dever de preparar: uma *organização paroquial que se liberte da*

*estrutura sacramentalista instalada*, que é secular e que nem tão cedo poderá desaparecer.

O catecumenato, pelo seu próprio dinamismo, é o elemento *pascal* por excelência, é o melhor instrumento para se *passar* de um tipo de paróquia e de um tipo de vivência eclesial para um outro tipo necessário, urgente e que irá se esboçando, se formos fiéis a esse dinamismo, com todas as suas conseqüências.

---

### Uma transformação e sua dificuldade

---

Daí, também, poderemos dizer que o *catecumenato é difícil*. Difícil, porque vem nos quebrar por dentro. Difícil já agora. Talvez, mais difícil ainda na segunda etapa (que se anuncia). E, mais difícil, por certo, quando se configurar abertamente o conflito, ainda encoberto, entre *paróquia-administração sacramentalista e paróquia-comunidade evangelizante*.

Como já foi dito, o catecumenato tende a nos quebrar por dentro. Mais do que poderíamos ingênuamente pensar. Não se trata de um cursinho a mais. Não se trata de uma invençãozinha para complicar a vida paroquial. Trata-se de um risco muito maior, em termos de perigo e de embaraço, para o tipo de paróquia a que nos acomodamos desde sempre.

Mais cedo ou mais tarde, ter-se-ão de defrontar dois tipos de paróquia. E dentro desses dois tipos, duas mentalidades e duas teologias pastorais, implícitas e inconciliáveis:

- O primeiro tipo de paróquia, que vem orientando implícita ou explicitamente, consciente ou inconscientemente, toda nossa pastoral eclesial até o presente é a da paróquia-administração sacramentalista;

- O segundo tipo de paróquia, vislumbrado por muitos e desejado conscientemente por alguns, é o novo modelo global a se criar de uma paróquia-comunidade evangelizante, a qual será a fonte renovadora (e imprevisível nos seus detalhes) de uma nova Pastoral de Evangelização.

---

### Os convivas

---

Dentro desta visão, o catecumenato seria como que uma das *cunhas* importantes a ser colocada na *rachadura* do primeiro tipo de paróquia, e na *abertura* do segundo tipo, que é urgente construir.

## I. PARÓQUIA-ADMINISTRAÇÃO SACRAMENTALISTA

• O pároco é basicamente o administrador sacramental, com outras características que conviria sublinhar, como por exemplo, a de "dono" da paróquia. Há toda uma mentalidade a ser radiografada aqui. Mentalidade de "triunfo estéril" e de "desdém abstrato". Entretanto, esta análise implicaria no mergulho em toda uma estrutura de formação, ou melhor, de deformação.



• Os fiéis são considerados clientes, ou melhor, fregueses. As paróquias são "freguesias". Existe aqui um contexto em que os pobres, na maioria dos casos, não se sentem à vontade. Não possuem o mínimo sentimento de participação. Isto se refere ao sistema de relações criado e vivido pelos católicos das paróquias atuais. "O sistema formado pela Igreja e seus fregueses (*usagers*) é aquele que os sociólogos chamariam (G. Gurvitch) um simples sistema de relações com outrem. Ora, por si mesmo, um tal sistema de relações é incapaz de gerar sentimentos de comunhão (*d'appartenance*)", Cf. E. Pin, *Sociologia do Catolicismo Latino-Americano*.

• O centro englobante é a sacristia.

## II. PARÓQUIA COMUNIDADE EVANGELIZANTE

• O pároco e o conselho pastoral animam a evangelização em todas as suas dimensões. O sacerdote (ou sacerdotes) terá que ser aqui outro tipo sociológico, por oposição àquele "dono" da paróquia construído pela administração sacramentalista ou sacralizante. Ele nunca será o *homem-só*. Será o irmão mais velho, o *presbítero*. Não manda, nem desmanda como um ditadorzinho, um bispinho ou um papi nha *das avessas*. Terá o colégio pastoral, composto inclusive de leigos. Seu relacionamento com eles não será só em termos de *função*, mas sobretudo em termos de *pessoa*. Será valorativo e não puramente normativo...

• Os fiéis, em suas diversas situações, participam da comunidade evangelizante e a integram



Para que a Igreja penetre profundamente na vida do povo, é preciso que a vida do povo penetre profundamente na vida da Igreja.

explicitamente ou só mesmo implicitamente. Nesta linha, a comunidade catecumenal apresenta-se como a pequenina semente: tôdas as pessoas da paróquia serão vistas como catecúmenos implícitos; uns, menos claramente, outros, mais vizinhos da linha de explicitação. Neste sentido também, deverá haver um desenvolvimento *orgânico*, na ação e na vivência dos trabalhos de evangelização. Não se cria uma comunidade por decreto ou ordenações. O próprio conselho pastoral nascerá, talvez, dos atuais educadores catecumenais, como o *grão de mostarda*.

• O *centro englobante* é a vida dos homens, onde quer que estejam. Talvez seja aqui o ponto mais crucial para uma reflexão. A paróquia-administração tem sido uma espécie de "tabelionato sagrado", para uso oficial de chancelas contratuais. Nossas "freguesias" se aglomeram por aí a partir de batizados marginais, sem qualquer perspectiva sobre as conseqüências do próprio batismo e sem qualquer sentido de participação a uma comunidade concreta de vida na fé.

Ora, o centro da Igreja é a vida dos homens. Cristo não construiu nenhuma matriz para fundar a sua Igreja. Foi, ao contrário, viver às margens do lago de Tiberíades. Foi *morar* com os homens. A Igreja é o *povo de Deus* que está nascendo no meio do *povo dos homens*, sem que a sacristia se dê conta disto. Dos homens que agem e vivem, muitas vezes, em Jesus Cristo, sem o saberem. E, por isso, também, muitas vezes, param e morrem.

Aqui está certamente o ponto crucial. Entender isto é a base de tudo: "a Igreja, como dizia há pouco um educador catecumenal, é gente". Gente que a gente deve mostrar e gente que *convive*. E todos os homens são, possivelmente, *convivas* de Jesus Cristo.

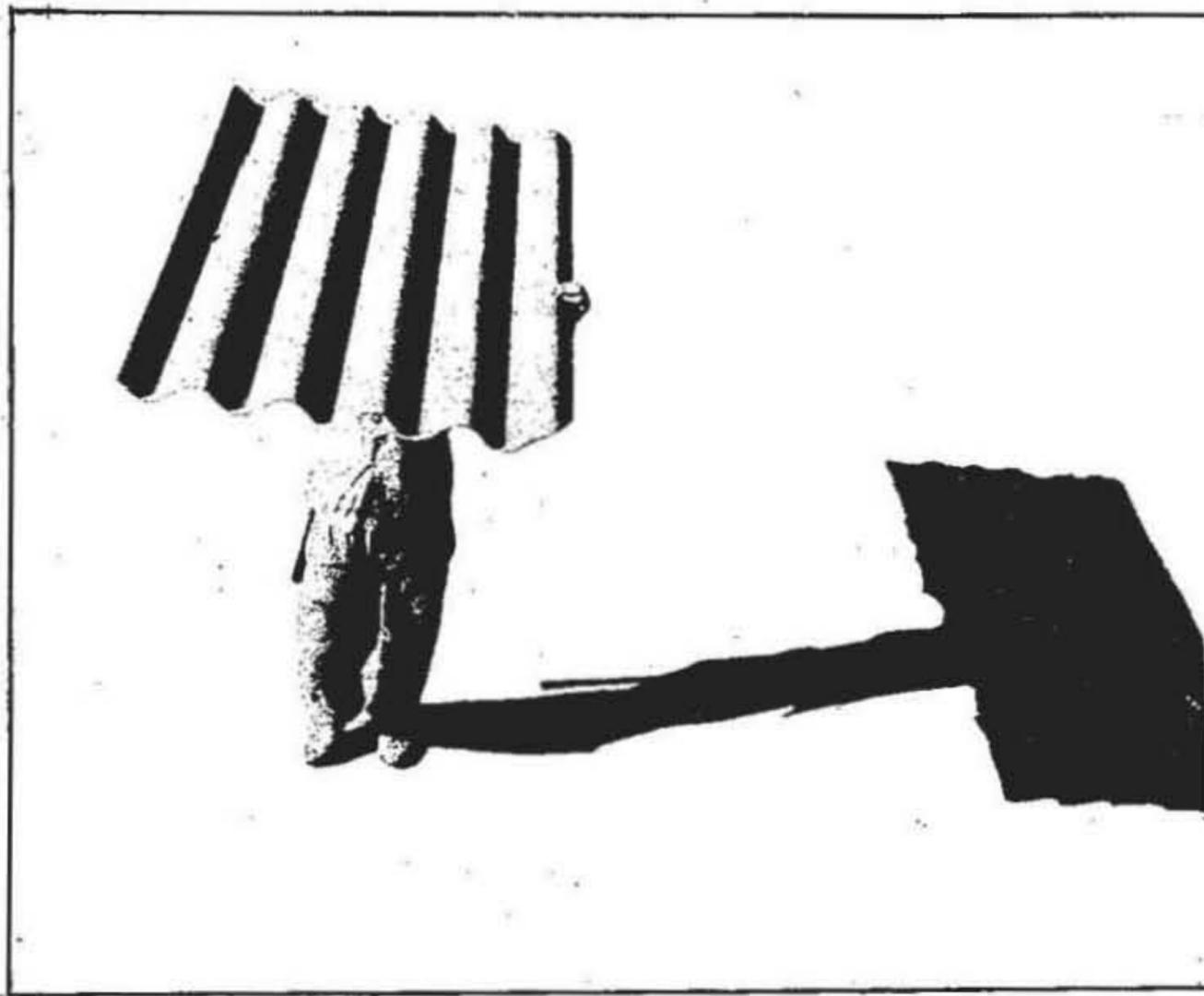
### Concluir com aquele que vem

Aqui está esboçada, como pretendíamos, a transformação implícita nesta experiência do catecumenato (baptismal, eucarístico, matrimonial, etc.). Não se pense, porém, que a presente experiência é acomodação. Ninguém quer justapor coisas novas a uma estrutura já existente. Como diz Cristo, não se pode "botar remendo nôvo em roupa velha, ou vinho nôvo em odres velhos".

Se o catecumenato foi montado numa estrutura velha, é porque essa estrutura abriu uma brecha à sua penetração. E' preciso, porém, decididamente acabar com a idéia de paróquia-administração, repartição, escritório ou coisa que o valha.

*Paroikia* significa, etimologicamente, "casa, domicílio, albergue, alojamento" que "está vizinho, próximo". Quem fundou a primeira *paróquia*, segundo este sentido *originário*, foi aquele que se fez carne "e armou a sua tenda em nosso meio" (Jo 1,14). Assim também *paroquiar* é "ser vizinho, estar próximo, residir com, mesmo que seja num país estrangeiro"; e, por isso, não é estar encastelado numa torre sagrada de marfim, como a famosa *sacristia*. *Paroquiar* é, como Cristo, "armar tenda no meio dos homens", tendas que são encarnações vivas da *palavra*. Aqui está implícita toda uma teologia da pastoral paroquial.

Se quisermos ser fiéis ao espírito do catecumenato, teremos que aprofundar dentro desta linha o significado e as implica-



ções do que significa *paróquia*, *paroquiar*, *pároco*, *paroquiano*, segundo as exigências da encarnação de Cristo e as exigências da vida dos homens, com que essas realidades pastorais se relacionam. Pois no momento elas têm muito pouco de substantivo; tudo o que há nela é *adjacente* a Cristo e aos homens.

Compreendendo-se assim, não será muito difícil criar um novo "ser-paróquia", uma espécie de modelo necessário e catalizador de toda uma nova pastoral eclesial. Paróquia, que seria:

- 1) *presença crística* de humanização;
- 2) *estôfo crístico* de socialização;
- 3) *consciência e vivência* antecipada daquele que vem.

Pensar que as Igrejas locais, as comunidades cristãs, sejam pedaços da Igreja universal, é incorrer num erro. A Igreja universal está presente, toda ela, em cada comunidade. Em cada comunidade cristã qualquer um pode encontrar a boa-nova toda, o amor infinito do Pai, o Cristo amigo e o Espírito Santo que faz as pessoas entenderem o sentido de tudo. A cada comunidade, no seu âmbito próprio, foi dado tudo aquilo de que os homens necessitam para a salvação: o evangelho, o batismo, a ceia, os carismas diversos.

Pensar que a Igreja universal não passe de uma simples confederação de pequenas comunidades cristãs, seria também incorrer num erro. A relação que deve existir entre as comunidades cristãs ou Igrejas locais, e a Igreja universal não é algo de meramente jurídico, exterior. A Igreja universal é mais do que um nome comum, é mais do que uma soma, é mais do que uma organização. Antes de tudo, é a comunidade universal sob a graça do único e mesmo Pai, tendo o único e mesmo Senhor, impulsionada pelo único e mesmo Espírito. Assim, cada comunidade cristã é a Igreja. Não apenas a Igreja de Corinto ou de Éfeso, mas a Igreja de Deus concretamente inserida em Corinto ou em Éfeso. Portanto, cada assembleia, comunidade ou Igreja, por pequena e pobre que seja, torna totalmente presente a assembleia, a comunidade, a Igreja de Deus.



# Evangelização e Catequese no Contexto Latino-Americano



OS diversos documentos da *II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (Medellín, agosto de 1968) têm todos uma tônica comum, a saber: a consciência explícita da *transformação atual do continente latino-americano* (cf. Introdução: *Presença da Igreja na atual transformação da América Latina*).

E' dentro desta nota predominante, em consequência, que se situam os documentos sobre os problemas de evangelização e de catequese, como também as diretrizes pastorais básicas sugeridas para solucioná-los. Daí por que, no espírito de todos os documentos de Medellín, jamais se poderiam separar os temas *específicos* (família e demografia, educação ou juventude, catequese ou liturgia, sacerdotes, religiosos ou problemas pastorais globais) desta consciência concreta das mudanças pelas quais está passando o nosso continente. Podemos, por-

tanto, dizer que o princípio pastoral primeiro e básico que emana do conjunto de todos os documentos da Conferência de Medellín é o seguinte: *é necessário assumir uma consciência histórica concreta da transformação latino-americana, comprometendo-se toda a Igreja com tal processo* (cf. Mensagem Final).

Em termos de evangelização e de catequese, esse princípio pastoral primeiro e básico recebe a seguinte aplicação global: "alentar uma nova evangelização e catequese intensivas que atinjam as elites e as massas para obter uma fé lúcida e comprometida" (cf. Mensagem Final).

Devemos, por isso, nos perguntar agora: o que significam e implicam, concretamente, para nós, estas expressões: nova evangelização e catequese intensivas, e obter uma fé lúcida e comprometida? Ora, semelhantes expressões supõem que se veja bem

claro (ou tanto quanto já nos é possível atualmente):

— o que é, no sentido teológico, *evangelização*;

— em que consistiria uma *nova evangelização*, enquanto atualizada, inserida e comprometida no processo de transformação latino-americana (princípio básico);

— o que é, no sentido próprio e específico, *catequese* e sua relação com a *nova evangelização*, que se almeja;

— o que se entende, na atual situação latino-americana, por *fé lúcida e comprometida*.

Tôdas estas questões serão, pois, examinadas em breves tópicos, como pontos de reflexão para nós e, em seguida, concretizadas mediante um esforço comum em *linhas de trabalho global*, cujos instrumentos teremos urgentemente de criar...

---

### O que é, propriamente, evangelização

---

A teologia da evangelização é parte integrante da teologia da palavra de Deus, pois a evangelização, no seu sentido próprio e específico, é um dos instrumentos da palavra de Deus aos homens, sendo os outros a catequese, a homilia, a teologia, e outras expressões da palavra que, por sua intenção e caráter particular, se distinguem entre si por referência à palavra.

Evangelização é o primeiro instrumento fundamental da palavra de Deus aos homens, pois evangelizar significa transmitir a palavra de Deus para suscitar a fé e levar à conversão, entendendo-se fé e conversão no sentido global e inicial. Neste sentido, *suscitar a fé* significa fazer aderir ao dado cristão originário ou à sua boa-nova básica, a qual pretende dar autenticidade à existência humana, salvando sua vocação e destinação essencial. Este dado originário ou esta boa-nova fundamental consiste no seguinte: Deus salva-nos a todos por (com e em) Jesus, seu enviado histórico, hoje atuante. Portanto, *ser suscitado na fé* é receber o impulso para aderir, pessoalmente, a este dado básico, transmitido pela palavra evangelizante. E, *ser levado à conversão* significa assumir, de modo absoluto, toda transformação existencial que a força daquele dado ou boa-nova, pessoalizada, tende a provocar.

---

### O Pai salva-nos a todos por (com e em) Jesus

---

Eis aí a mensagem (o querigma) que caracteriza, especialmente, a evangelização no sen-

Não teremos um continente nôvo, sem novas e renovadas estruturas, e sobretudo não haverá um continente nôvo sem homens novos que, à luz do evangelho, saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis.

tido próprio e a distingue de todas as outras possíveis formas de expressão da palavra de Deus aos homens. Aderir, portanto, ao Pai que salva por Jesus e revolucionar sua existência com a consciência vivida deste fato (que ainda agora se nos oferece *apelativamente*) é o que pretende a evangelização ao transmitir, inicialmente, a palavra de Deus.

O querigma é o objeto próprio da evangelização e contém, na sua riqueza, várias dimensões, como também várias direções. Assim, no *sentido estrito*, é a primeira mensagem aos que desconhecem totalmente o evento salvífico do Pai, que não sabem que Jesus é o Salvador. No *sentido adaptado* é a mensagem original, dirigida com sua autenticidade primitiva, aos que receberam uma instrução formal e uma educação moralizante. Concretamente, isto quer dizer que o anúncio da boa-nova essencial visa



---

os batizados de uma cultura cristã diluída sociologicamente. Aqui existem situações mais ou menos análogas à dos que ouvem o anúncio salvífico pela primeira vez (cf. Doc. *Pastoral das Massas, Situação*). Num sentido amplo significa atingir tôdas as dimensões da vida segundo a luz da boa-nova originária (purificar atitudes e concepções que constituem deformações do espírito cristão autêntico). Mas, aqui, nos situamos quase na zona limítrofe que leva à catequese. Evangelização e catequese distinguem-se, mas nunca se devem separar.

---

#### O que significa evangelizar hoje os latino-americanos

---

Depois da consideração teológica do significado da evangelização, vejamos como ela se concretizaria no contexto psico-social em que se deve realizar. Diremos, pois, em primeiro lugar, o que não seria evangelizar hoje os latino-americanos, segundo o que se depreende das diretrizes da Conferência de Medellín. Só depois, devemos procurar, em comum, o que seria, de fato, nos evangelizarmos a todos na circunstância histórica de transformações concretas.

Não seria evangelizar, pregar a mensagem com conotações ou com coloração maniqueísta absoluta. Quer dizer: condenar, em nome do Deus de Jesus Cristo, as transformações estruturais porque passa e tem de passar o mundo latino-americano, como se fôssem frutos do mal ou do demônio, sedutor dos homens. Evangelizar não seria pregar a mensagem de forma dualista (que é uma espécie de maniqueísmo relativo). Quer dizer: impor a falsa alternativa angelista (tão co-

FOTO ACAR



mum, dolorosamente) que supõe devermos escolher a "salvação de Deus em Cristo, Homem-Messias", e a salvação das forças ou dos instrumentos intramundanos, opostos à mensagem cristã essencial, isto é, ao anúncio da salvação no "Homem, Cristo Jesus".

O que seria, então, para nós *positivamente* evangelizar? Cabe observar o seguinte: vamos entrar, nos pré-requisitos concretos da evangelização, mais do que em fórmulas e receitas de evangelização. Entrar em detalhes mais concretos seria anteciparmos ingênuamente e ferir o princípio pastoral do primado das experiências vividas. Estas deverão ser o objeto de nossas buscas e reflexões em comum, como sobretudo de nosso arrôjo pastoral. Digamos somente a este respeito o seguinte: a maior promessa que temos entre nós no campo das experiências é o catecumenato batismal, aliás recomendado instantaneamente no Doc.

*Catequese* como uma das prioridades na renovação catequética. É preciso, sim, que o desdobremos em tôdas as suas conseqüências (cf. Doc. *O espírito do catecumenato* — revisão de trabalho do ano de 1968 no Vicariato Sul-Copacabana).

Como foi dito, vejamos quais serão as condições concretas para nossa evangelização (condições que também se poderão chamar, se quisermos, de pré-evangelização). São elas fundamentalmente:

— comunhão de vida e de pensamentos;

— desprendimento das categorias culturais, classistas ou infantis;

— busca de uma linguagem de encontro (no sentido mais amplo do termo *linguagem*), isto é, temas-entradas (*picrres-d'attente*) e as vivências concretas participadas. O que, entre outras coisas, significa: 1) partir dos valores humanos cristãos vividos positi-

vamente pelo ambiente e pelos homens nêle inseridos (que já são, no caso, implicitamente cristãos); aqui evangelizar será *fazer-ver*, na hora oportuna, a integração de tais valores dentro da mensagem querigmática essencial; 2) partir das aspirações não satisfeitas, mostrando como Deus em Cristo as plenifica. Aqui evangelizar será *projetar* na comunidade atual e na comunidade escatológica tais aspirações (o que está muitíssimo longe de, puramente, transferir sua satisfação "para o outro mundo"). Tudo isto indica que a busca de uma linguagem-de-encontro deverá significar uma atitude de combate ao vício sacramentalista tão generalizado em nossa infra-pastoral: "Até agora houve sobretudo uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização. Pastoral apta, sem dúvida, numa época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas, em que os meios de comunicação dos valores (família, escola, etc.) estavam impregnados de valores cristãos e onde a fé se transmitia quase pela própria força da tradição" (cf. *Doc. Pastoral das massas*, I parte).

#### O que é propriamente, catequese

Como a teologia da evangelização, a teologia da catequese é parte integrante da teologia da palavra de Deus, sendo a catequese um dos instrumentos mais importantes para a transmissão da palavra de Deus aos homens. Dentro do contexto dessa transmissão, o caráter específico da catequese consiste em educar a fé (suscitada, como vimos, pela evangelização) e explicitar a conversão (provocada inicialmente

pela mensagem). "Ao ouvirem estas coisas, ficaram compungidos no íntimo do coração e indagaram de Pedro e dos demais apóstolos: Que devemos fazer, irmãos?" (At 2,37). Foi assim que reagiram pedindo uma catequese, os primeiros convertidos, logo depois do primeiro anúncio evangélico de Pedro (At 2,14-36).



BASTOS, D. AMBRÓSIO, O.S.B.

#### TERRA DOS JOVENS

*Terra dos Jovens* é uma mensagem aos jovens da hora atual, apresentando-lhes o monaquismo renovado. Esta renovação, entretanto, não é outra coisa senão uma volta à simplicidade original. Não se trata de transformar o monaquismo em sua essência, mas, ao contrário, de refontizá-lo, restituindo-lhe sua primitiva simplicidade, comprometida pelos acréscimos acidentais trazidos pelos séculos, e que acabaram pesando demais sobre a forma germinal. O monaquismo, na sua essência, é, para o autor, um sinal na Igreja, vivendo unicamente da Palavra de Deus, e seguindo os caminhos imprevisíveis do «pobre de Javé». Um livro, portanto, nascido da meditação e da experiência evangélica, que poderá ajudar os jovens despertados pela vocação religiosa e, especialmente, pelo monaquismo.

**NCr\$ 10,00**



Pedidos à  
Editôra VOZES Limitada  
Caixa Postal 23  
Petrópolis RJ

**Onde quer que estejam, todos os cristãos devem viver, trabalhar e orar dentro de um profundo senso comunitário.**



Ora, a explicitação da conversão e a da educação da fé, que será tarefa própria da catequese, compreende dois aspectos complementares, a saber:

— negativamente, ruptura com o pecado e os erros de existência anterior;

— positivamente, abertura dinâmica à plenitude de participação evangélica.

Particularmente, dentro do nosso contexto, e segundo as diretrizes de Medellín, isto aponta duas linhas:

1) Romper as ligações pessoais e coletivas com as estruturas de opressão. Isto comporta a luta contra todo tipo de ignorância, de marginalização, e de egoísmo. “Por isso, para nossa verdadeira libertação, necessitamos todos de uma profunda conversão para que chegue a nós o reino de justiça, de amor e de paz... Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, e sobretudo não haverá um continente novo sem homens novos que à luz do evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis” (cf. Doc. *Justiça*, II). São Paulo dizia em sua linguagem que era preciso acabar com as “obras da carne”: “fornicação, impureza, desonestidade, idolatria, magia, inimizades, contendas, ciúmes, iras, rixas, discórdias, partidos, invejas, embriaguez, orgias e outras coisas semelhantes” que estão para serem expulsas do reino de Deus (Gál 5,19-21).

2) O engajamento decidido na promoção do homem todo e de todo o homem. Pois “a busca cristã da justiça é uma exigência do ensinamento bíblico... Cremos que o amor a Cristo e a nossos irmãos será não somente a grande força libertadora da injustiça e opressão, mas também e principalmente a inspiradora da justiça social, entendida como concepção de vida e impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos” (Doc. *Justiça*, II). “É tarefa da catequese ajudar à evolução integral do homem, dando-lhe seu autêntico sentido cristão, promovendo sua motivação nos catequizados e orientando-o para que seja fiel ao Evangelho” (Doc. *Catequese*, III).

3) Convém sublinhar à esta altura: nenhuma catequese, no sentido estrito de educação e explicitação, pode separar-se da evangelização inicial e permanente. Ora, nós sabemos que um dos grandes males de nossa educação cristã latino-americana (referimo-nos sobretudo ao caso do Brasil) tem sido a catequese de "verdades a crer" e de "mandamentos a praticar" sem a autêntica evangelização inicial (descoberta pessoal e consciente de Cristo, que nos leva ao Pai). E' por isso mesmo que os ex-católicos protestantes sempre dizem e com razão: "descobri o Evangelho de Jesus". Temos que convir, na verdade, que a pregação dos nossos irmãos protestantes tem sido muito mais pessoalizante, muito mais carregada de bem-aventurança, muito mais evangelizante do que os sermões doutrinários e moralizantes dos nossos pregadores, pelo menos de um passado recente. (Há toda uma história a ser feita a respeito do conteúdo veiculado para o povo através das *Santas Missões* tradicionais).

FOTO ACAR



---

**Fé lúcida e comprometida**  
(no atual contexto latino-americano)

---

Diante do que ficou dito acima a respeito da nova evangelização, isto é, uma evangelização segundo as exigências da mensagem de Cristo e segundo as exigências da vida dos latino-americanos, como também a respeito da catequese que corresponderia a esta nova evangelização, podemos já compreender o que significa hoje para nós uma "fé lúcida e comprometida".

Importa agora pensar concretamente, em vista de um planejamento, nas linhas de ação prioritária que nos é possível assumir dentro de tais perspectivas. Em seguida, uma vez colocadas essas linhas prioritárias, criar os instrumentos de trabalho para a execução das tarefas correspondentes.

Duas linhas de ação apresentam-se imediatamente:

- prioridade de *evangelização e da catequese de adultos*, nos termos acima definidos;
- unificação de *evangelização-conscientização*, de um lado, e *catequese-educação*, de outro lado.

*Padre José Sotero Caio.*

# A VIDA RELIGIOSA NO BRASIL DE HOJE

texto-base da  
**VIII Assembléia-Geral  
Da Conferência dos  
Religiosos do Brasil**



Pedidos à  
CRB:

Av. Rio Branco, 123  
10.º andar - Rio (GB)

ou nas Agências Regionais  
da CRB



# IGREJA NO MUNDO



CONVERGÊNCIA



## VILA KENNEDY

A pobreza e a riqueza têm constituído o marco contrastante e polarizador das atenções do homem moderno. Não obstante algum alheamento diante dos problemas que emergem num país em fase de transição, os religiosos do Brasil de hoje caminham efetivamente para um assumir progressivo das "angústias e esperanças da humanidade de nossos tempos".

Contudo o modo como atuar numa realidade sócio-econômico-cultural contrastante com os valores da grande metrópole, constitui um sério problema. Tal abordagem a CRB, através do seu Departamento de Serviço e Assistência Social, vem procurando fazer, em conjunto com os demais departamentos (de Saúde, Educação e Jurídico). Este esforço é uma resposta aos desejos manifestados pelos participantes da VIII Assembléia Geral dos Provinciais, de que se processe a inserção dos religiosos no mundo, mediante uma ação a um tempo evangelizadora e promocional,



permitindo ao homem moderno passar de uma situação de dependência a artífice de sua própria história (cf. PP, n. 15: Vocação ao crescimento).

O trabalho promocional não se efetua no vazio. Exige condições concretas para sua realização. Foi nesta perspectiva que o Departamento de Serviço e Assistência Social, após um estudo da realidade social da Guanabara, estabeleceu como área prioritária a Vila Kennedy, passando a concentrar ali, os esforços pessoais de sacerdotes, de religiosos de várias congregações e de leigos.

A situação de Vila Kennedy é a um tempo constrangedora e promissora:

- O contingente populacional se eleva a 30.000 habitantes, procedentes das favelas do Pasmado, Esqueleto, Ramos e outras;

- Existem 4.300 unidades residenciais para um total de 5.000 famílias;

- O índice de analfabetos eleva-se a 50%;

- Há grande incidência de famílias cujos chefes são presidiários, recaindo a responsabilidade do sustento e educação dos filhos sobre as mães;

- Baixo índice de nupcialidade legal;

- O contingente de população jovem que se eleva a 2.000 menores de 18 anos, e que em geral frequentou apenas o curso primário, está a exigir medidas efetivas para os seguintes problemas:

- promiscuidade,
- absorção da mulher pelo trabalho doméstico, devido ao

grande número de filhos,

- habitação distante do local de trabalho, acarretando uma despesa considerável com a locomoção dos moradores até o centro da cidade,

- marginalização do menor, derivada da falta de profissionalização, que se concretiza através de

- roubo,

- ingestão de maconha,

- e aberração sexual.

A par dos problemas supracitados, predomina entre o povo uma mentalidade que limita seus horizontes de ser humano, fazendo-o sentir-se com os membros amputados e dispostos a vender sua dignidade humana. Esta atitude passiva aparece claramente nos próprios encontros e diálogos.

- “A Irmã certamente veio aqui para nos dar um vestido!”

- “Não, nosso papel junto a vocês é fazê-los conquistar com seus próprios esforços o que vocês, de direito, deveriam possuir”.

As pessoas, ali, estão sempre esperando ganhar coisas, e nunca se acham dispostas a realizar uma promoção real e profunda de si e de sua comunidade.

Em algumas pinceladas, este é o retrato de uma população marginalizada. Deriva desta realidade toda a linha de atuação da equipe intercongregacional composta de enfermeiras, assistentes sociais, acadêmicos de medicina e educadoras familiares... Esta equipe está sendo também integrada por voluntários leigos (advogados e engenheiros). É a ação conjunta que ora se inicia em Vila Kennedy visa evitar a pro-

liferação de obras assistenciais, enfatizando a prioridade das pessoas sobre as instituições.

A meta operacional, traçada pelo Departamento de Serviço e Assistência Social, constitui o *Plano de Prevenção à Marginalização do Menor em Vila Kennedy*, pautado nas diretrizes da política da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, cujo objetivo é a integração da unidade familiar na comunidade.

O programa consta de duas partes:

1. preparo profissional, visando a imediata colocação da mão de obra no mercado de trabalho;

2. educação de base, tendo como principal objetivo a alfabetização de adultos e a conscientização, capacitando o homem para “fortalecer cada dia mais o seu domínio sobre as coisas criadas... e estabelecer uma organização política, social e econômica que com o tempo ajude cada um e cada grupo a afirmar e cultivar a própria dignidade” (cf. *A Igreja no Mundo de Hoje*).

A atuação do Departamento de Serviço e Assistência Social da CRB caracteriza-se essencialmente pelo levantamento de recursos comunitários, vinculação com entidades promotoras de recursos (LBA, MEC, Fundação Norte-Americana de Assistência, etc.), orientação dos trabalhos na linha do desenvolvimento e da promoção, e coordenação dos recursos humanos e técnicos, uma vez que “cabe à Igreja a orientação das mudanças sociais, para que se



processe a formação de comunidades nacionais onde toda a população tenha uma participação receptiva e ativa, criadora e decisiva na construção de uma nova sociedade" (cf. *II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* — Comissão n. 1 — Art. 3: Projeções de Pastoral Social). A permanência desta equipe de promoção em Vila Kennedy é de caráter provisório. E' só até aquela comunidade estar preparada para assumir seus próprios destinos.

Em Vila Kennedy funcionam atualmente onze núcleos de evangelização. E todo o trabalho é efetivado em três planos:

- *associação paroquial* constituída de equipes de intervenção na comunidade nos vários setores: catequese de adultos, educação para o trabalho, agência de família, saúde e assessoria jurídica, contando com a participação efetiva dos moradores;

- *grupo de mães* cujo objetivo é a abordagem dos problemas vinculados à educação dos filhos, e a capacitação dos membros para a participação efetiva em grupos;

- *visitas domiciliares* cuja finalidade é o conhecimento da realidade familiar, oferecendo subsídios para uma atuação mais efetiva por parte dos técnicos e evangelizadores.

Julgamos de suma importância o engajamento dos noviciados das Servas da Santíssima Trindade e das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo na ação evangelizadora, atendendo ao item 5, do capítulo I do documento *Instrução sobre o Adequado Reno-*

*vamento da Formação para a Vida Religiosa*, que aponta a urgência de se dar aos noviços uma formação adaptada ao gênero de vida e atividades que exercerão no futuro. Isto prova que a Igreja está consciente de que a *renovação da vida religiosa* consiste essencialmente numa resposta a ser dada aos apelos de um mundo em transformação através do testemunho de serviço à comunidade humana.

M. T. Oliveira.

## OS NOVOS CARDEAIS

Encerrou-se dia 1º de maio próximo passado o consistório que elevou ao cardinalato 33 bispos de 19 países. O discurso feito pelo Papa nesta ocasião é bem significativo daquilo que constitui realmente sua preocupação principal: que a Igreja trabalhe "sem descanso e sem temor" contra a miséria e em favor dos pobres do mundo todo. E' a própria linha evangélica: quem observa atentamente Jesus Cristo descobre esta preocupação (Mt 5,1-12). E, diz o Papa: "São muitos, atualmente, os povos que não atingiram um conveniente desenvolvimento; as classes trabalhadoras estão ficando à margem, em grande escala, do bem-estar e da segurança social; voltam a surgir preocupantes alarmas e desigualdades econômicas resolvidas em outros tempos; o homem é usado, por vezes, como instrumento, segundo cálculos impiedosos das leis econômicas".

E' bem nesta perspectiva que Paulo VI escolheu os dois novos cardeais brasileiros: Dom Eugênio Araújo Salles, de Salvador, primaz do Brasil, e Dom Vicente Scherer, arcebispo de Pôrto Alegre. Dom Eugênio é o responsável por três iniciativas de caráter pioneiro: a criação de escolas radiofônicas no Nordeste, a sindicalização rural (no Rio Grande do Norte) e o trabalho de religiosas nas paróquias sem padre. Além disso, é membro de vários organismos internacionais ligados ao trabalho de promoção, entre os quais a *Comissão Pontifícia Justiça e Paz*. Dom Vicente, arcebispo de Pôrto Alegre, é o primeiro cardeal da região sul do país e tem tido participação ativa na vida da Igreja. Já mostrou também uma particular preocupação com a reforma agrária, tendo com outros bispos da região assinado o documento enviado ao governo pedindo urgência para a solução do problema.

## ENCONTRO DE ITAICI

Realizou-se em Itaici de 25 a 28 de abril, um encontro de reflexão sobre assessoria às congregações religiosas. Participaram 14 religiosas e religiosos, peritos em matéria de renovação da vida religiosa. O encontro foi promovido pelo Departamento de Promoção da Vida Religiosa da CRB Nacional.

---

## Histórico

---

O "motu proprio" *Ecclesiae Sanctae* quer que tôdas as congregações realizem um capítulo de renovação para que a vida religiosa se torne mais condizente com as necessidades do mundo e da Igreja de hoje. Para isso, visando encontrar um auxílio na preparação, as congregações estão recorrendo a assessores. No decurso do último ano, a CRB trabalhou intensamente neste campo, tanto em nível nacional como em nível regional. Sendo a assessoria nos capítulos especiais de vital importância para a renovação da vida religiosa no Brasil, e havendo, de outro lado, uma dispersão de atividades e de recursos, pareceu sumamente oportuno promover um encontro de religiosos que se dedicam a este trabalho.

O objetivo deste encontro, partindo das instruções da Santa Sé e das exigências da vida religiosa no Brasil, era estabelecer uma troca de experiências e de técnicas, fazer um levantamento dos problemas encontrados e procurar soluções capazes de levar a princípios inspiradores, linhas de ação e métodos de trabalho. Os estudos feitos em Itaiaci levaram também em conta a fase pós-capitular da congregação. A fase capitular termina, conforme o "motu proprio" *Ecclesiae Sanctae* no fim de 1969, embora, por indulto da Santa Sé, algumas congregações realizem o seu capítulo depois do prazo estabelecido. Dêsse modo, no pro-

cesso da renovação, os capítulos são mais um ponto de partida que de chegada. Prevê-se a necessidade de se continuar o trabalho de assessoria. Este encontro teve também como objetivo iniciar a formação de quadros nas diversas regionais a serviço das congregações.

---

## Roteiro do encontro

---

Seguindo o roteiro do encontro, os participantes relataram suas atividades junto às diversas congregações. Foi feito um levantamento dos problemas, em seus aspectos positivos e negativos. Com isso tornou-se possível a seleção e o estudo dos problemas e valores encontrados. Foi também possível chegar a uma definição melhor do papel do assessor e precisar o modo de agir. Muitos outros problemas foram previstos para serem estudados em outros encontros semelhantes. Os problemas, por exemplo, dos egressos, dos exclaustrados, do planejamento que em geral falta nas congregações, da profissão do religioso e do padre, e das grandes e das pequenas comunidades.

---

## Temas escolhidos para o estudo e o debate

---

1) Formação da liberdade e da responsabilidade; papel da autoridade nesta formação. O problema das vocações; as comunidades jovens. O problema das experiências e, para isso, a necessária seleção das pessoas.

2) Autoridade interna (superiores gerais, provinciais); a autoridade externa (bispos e congregações dos religiosos). Fixação histórica que, muitas vezes existe, e que é defendida como fidelidade ao *fundador* e ao *carisma*. Mistura de princípios e normas, de essencial e accidental.



3) *Quem* os assessôres devem atingir e *como*. O problema da vivência daquilo que ficou decidido nos capítulos, pois muitas vezes, continua uma distância enorme entre o pensamento e a ação, entre teoria e prática. Por quê? Conseqüências disso. Como remediar? Como superar o "abstracionismo" no movimento de renovação?

---

### Análise crítica

---

A revisão feita pelos próprios participantes mostrou a necessidade de multiplicar êsses encontros. A temática interessou sumamente, dado o fato de se tratar de problemas nada acadêmicos que, no entanto, exigem uma profunda reflexão. O elenco dos aspectos negativos foi maior que dos aspectos positivos. Creio que aqui não se trata de um pessimismo, de negativismo. É mais fácil julgar o passado que conhecemos que julgar o futuro que ainda desconhecemos e cujos germes, não obstante, já estão presentes, embora não se deixem descobrir facilmente por causa de uma certa ambigüidade inevitável, inerente a uma época de experiências.

O encontro foi, em última análise, uma expressão de esperança em relação à vida religiosa

no Brasil. Muitas vezes um capítulo de renovação, em seus preparativos, torna-se uma ocasião de desabafo. Ora, isto denota, talvez, uma falta de preparação dos membros da congregação e pode tornar-se perigoso se não houver a vontade de construir. O encontro de Itaici foi marcado por esta vontade de construir, razão por que tais encontros são não apenas de utilidade mas de necessidade para a renovação da vida religiosa. Os superiores devem ter esta convicção para colaborar com a CRB colocando, por exemplo, seus elementos mais capazes à disposição de suas atividades. A CRB não é uma organização fora das congregações, mas são os religiosos do Brasil.

*Frei Vital Wilderink.*

## PÔRTO ALEGRE: I SEMINÁRIO DE RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA

O I Seminário Brasileiro de Rádio e Televisão Educativa, realizado em Pôrto Alegre no mês de abril (10 a 19), teve sua atenção voltada inicialmente mais para a *televisão educativa*. Só numa segunda etapa é que procurou explicitar o trabalho e a significação da *rádio educativa*. Com referência à televisão, debateu-se entre outros pontos o chamado *projeto Sacy*, que visa colocar em órbita um satélite *nacional* para uso não apenas da televisão comercial, mas também e, sobretudo, da televisão educativa.

O presente *Seminário* foi planejado pelos grupos que já es-

tão trabalhando no campo da educação através da TV e da rádio. Contou com o patrocínio do *Ministério da Educação e Cultura* e foi coordenado pela *Fundação Educacional Padre Landell de Moura*, de Pôrto Alegre. Com exceção dos estados do Pará, Mato Grosso e Espírito Santo, todos os outros Estados tiveram ali sua representação, o que possibilitou um bom conhecimento das experiências pioneiras, os contactos pessoais e a criação de uma ampla rede de relacionamento utilíssima para a presença da Igreja nesse campo. Estiveram também presentes os representantes dos Ministérios da Educação, das Telecomunicações e das Relações Exteriores, bem como do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária e de outros órgãos governamentais.

---

### Necessidade e perspectivas dos trabalhos da rádio

---

A Igreja no Brasil e, de modo particular, os responsáveis pela coordenação dos trabalhos em todas as áreas do país estão sentindo progressivamente a realidade e as exigências da educação através dos meios difusores — rádio e televisão. A Igreja vem percebendo toda a necessidade de manter e ampliar os contactos nesse setor, como também encontrar uma maneira evangélica de aí estar presente. De modo especial, a televisão educativa é, no Brasil, um fato irreversível, embora ainda apresente graves limitações, como por exemplo, a infra-estrutura a ser criada, os limites de alcance no meio rural, a transposição do sistema de aula tradicional para a



aula na TV, o não aproveitamento dos técnicos em TV para o setor pedagógico, a necessidade de maior motivação junto às entidades governamentais, o isolamento das diversas experiências que vão surgindo...

Recentemente, por ocasião do 73º Congresso da União das Obras Católicas de França, Paulo VI ressaltou as vantagens de um bom uso dos modernos meios de comunicação social: discernimento dos valores de justiça, paz, fraternidade; necessidade espiritual; possibilidades de acesso a um conhecimento mais rico do homem — “de comunhão... com todos os homens, filhos do mesmo Pai e todos irmãos”, disse o Papa. Dentro dessa linha, já apontada pelo Concílio Vaticano II, foram assinaladas duas perspectivas de trabalho:

1. suscitar ou estimular junto dos profissionais de valor que trabalham em TV, o levantamento do nível cultural dos programas das TVs comerciais;

2. suscitar ou estimular o trabalho dos cristãos no seio dos grupos que já existem ou que estão surgindo, e se necessário em grupos específicos com vistas à preparação de pessoal, à produção de programas (promoção humana, evangelização explícita e catequese), e à formação crítica do telespectador.

---

### Rádio-televisão e nível cultural

---

Ao se insistir sobre a rádio e a televisão educativas, nota-se que os responsáveis cristãos pelos trabalhos nesse campo não

pretendem estabelecer uma oposição à TV comercial. Por outro lado, não se pode ignorar o problema agudo que está sendo criado pela televisão brasileira que optou pelo caminho fácil da “exploração dos sentimentalismos baratos”.

E este problema é tanto mais grave quanto mais real é a oposição das situações — *tevé educativa* × *tevé comercial* — quanto mais baixo é o nível cultural dos telespectadores, mais fácil se torna a programação que vem sendo feita por um certo tipo de TV; o contrário sucede quando se trata de TV educativa que exige um trabalho esmerado, nos dois planos do *conteúdo* e da *apresentação*. Evidentemente, o interesse da TV educativa não é o mesmo da comercial, pois o objetivo imediato desta é o lucro. Ora, o lucro vem do público. E se o público chora com as novelas e se alegra com o Chacrinha, evidentemente para esse lado se inclina a TV comercial pouco se importando com o nível dos programas. Assim, mesmo quando o assunto é, por exemplo, Machado de Assis, o motivo não é o conteúdo da obra machadiana, mas a *memória excepcional* de Maria Guida... E' um pouco aquilo mesmo que explica certo interesse do povo por um certo tipo de religião. Como se vê, o trabalho em todos os setores está exigindo uma profundidade e coragem sempre maiores.

---

### Passado e futuro da rádio e da televisão

---

O interesse pela TV educativa, o novo campo que se abre, de modo nenhum significa o fim da *rádio educativa*. Embora sofren-

do a limitação do visual, o rádio é o único meio de comunicação que alcança vastas regiões do Brasil, justamente as mais necessitadas. Neste campo, a Igreja tem já uma experiência considerável, porquanto em muitas áreas ela levou a cabo iniciativas pioneiras que continuam até hoje, num trabalho silencioso e realmente de base.

A solução TV-educativa está longe de ser a ideal para educação de base. E' possível que, no futuro, ela alcance seus melhores efeitos na área da educação complementar (cultural). De qualquer maneira, no momento, é preciso enfrentar o problema da educação de base e, nela, as dificuldades específicas da TV, como por exemplo, a recepção organizada dos programas (com o aumento de custo que isto ocasiona) e a superação, na medida do possível, da lacuna criada pela falta de contacto direto professor-aluno. Quanto ao elevado nível de custos dos programas, uma das soluções possíveis seria a utilização do *video-tape*; com o grave inconveniente, porém, de deixar de atender às características regionais. Não parece também muito viável a emissora totalmente educativa. O mais prático talvez seja a criação de horários próprios em rádios e TVs comerciais.

## REGIONAL RIO: NOVA FASE

O escritor que, faz uns dez anos, descreveu o ambiente em que o homem consciente se move como “claro-escuro”, dia a dia vê sua expressão claramente confirma-



da. Tornam-nos mais sensíveis à instabilidade dos delineamentos das realidades humanas, às modulações inesperadas das suas tonalidades, às interferências bruscas nas suas frequências. Sabemos que é necessário aumentar nossa capacidade de adaptação rápida ao ritmo ondulante de hoje. Sabemos que isso é necessário até o ponto de ameaçar nossa existência e, por isso, a eficiência de nosso serviço ao mundo.

Este ambiente nada tem de nítido, de destacado, de facilmente apreensível; não abre muitas oportunidades para o indivíduo que, só com superioridade, pensa poder indicar e iluminar o caminho a seguir. Requer, antes, determinada humildade de quem sabe ouvir e ver: docilidade diante dos fatos versáteis. Mas requer também a existência de uma confiança básica e de um otimismo vital. Exige, ademais, a profunda valorização da convergência de idéias e planos, de sentimentos e de esperanças.

A regional *CRB-Rio de Janeiro* está pensando nestes termos no início da sua nova fase. O serviço à Igreja e ao mundo dependerá, na sua qualidade e eficiência, da autenticidade que conseguirmos dar à vida religiosa: com certeza, não mais descobrindo leis e linhas de pensamento para longos períodos, mas sim unindo-nos uns aos outros e apoiando-nos em nossas mútuas dúvidas e iluminações, detetando continuamente nas situações concretas os pontos onde o mundo espera nossa presença e especialmente onde precisa da nossa vitalidade. Esperamos poder ser úteis na coordenação de contactos, no descobrimento de idéias em comum, no apoio, talvez, às

tentativas novas, corajosas ou tímidas. Concebemos nossa tarefa especialmente em termos de convergência, isto é, fazer convergir. E queremos, assim, executar nossa parcela para a construção de um sadio desenvolvimento. Claro é que contacto supõe dois pólos e que uma convergência real se origina em diversos pontos e de diferentes direções. São muitos os religiosos que, com sua capacidade intelectual e humana, podem ser os agentes desta confluência de forças. A regional *Rio* confia que não se negará este serviço básico de colaboração fraterna.

*Regional CRB Guanabara.*

## TEÓLOGOS VÃO ASSESSORAR O PAPA

Paulo VI anunciou a criação de uma Comissão Teológica formada para servir como órgão consultivo sobre questões de fé, doutrina e moral. Observadores do Vaticano dão conta que se trata do mais importante passo de uma série anunciada pelo Papa com vistas à modernização e dinamização da Igreja.

Também foi divulgada a relação oficial dos membros da nova Comissão. Inclui pensadores de dezoito nações e os mais importantes teólogos. A relação completa é a seguinte:

*Comissão Teológica*  
(Oss. Rom. 29.4.1969)

Dom Carlos Colombo; Padre Barnabé Ahern, CP, E.U.A.; Padre João Urs Von Balthasar, Suí-

ça; Padre Luís Bouyer, Oratoriano, França; Padre Válder Bougardt, SJ, E.U.A.; Padre Ivo Congar, OP, França; Mons. Filipe Delhaye, Bélgica; Padre João Feiner, Suíça; Padre André Feuillet, Sulpiciano; Padre Lúcio Gera, Argentina; Padre Olegário González de Cardedal, Espanha; Padre Inazio Abdo Khalipe, Líbano; Padre Francisco Lakner, SJ, Áustria; Padre M. José de Guillon, OP, França; Padre J. F. Lescauwet, MSC, Holanda; Padre Bernardo Lonergan, SJ, Canadá; Padre Henri de Lubac, SJ, França; Padre André H. Maltha, OP, Holanda; Padre Jorge Medina, Chile; Padre Pedro Nemesshegyi, SJ, Japão; Padre Estanislau Olejnik, Polônia; Mons. Gerardo Philips, Bélgica; Padre Karl Rahner, SJ, Alemanha; Padre José Ratzinger, Alemanha; Mons. Roberto Mascarenhas Roxo, Brasil; Padre Tomislau Sagibunić, OFM, Iugoslávia; Mons. Rodolfo Schnackenberg, Alemanha; Mons. Tarcisio Fshibangu, Congo; Padre Cipriano Vagagnini, OSB, Itália.

Monsenhor Roberto Mascarenhas Roxo, com 43 anos, autor de nove obras, professor de Teologia no Seminário Ipiranga e no Instituto *Mater Christi* e perito conciliar, classificou a Comissão, a qual integrará, "como das mais importantes, levando-se em conta a atual crise da Igreja". Esclareceu que esta Comissão terá como objetivo a análise aprofundada dos problemas da Igreja para poder fornecer elementos válidos que possibilitem sua solução.

Acredita-se que a Comissão Teológica fará sérios esforços no sentido de desenvolver dentro da Igreja, longe do orgulho, a mentalidade evangélica: "Em vez de

lembrar sempre aquilo que divide, é preciso lembrar-se daquilo que conduz à união". O melhor caminho para a comunhão da verdade é, na prática, a comunhão no amor.

## PAULO VI EM GENEBRA

O Papa fará sua próxima viagem a Genebra, sede do *Conselho Mundial de Igrejas*. O fato de esta notícia parecer tão natural, quando há bem poucos anos causaria um choque, mostra como já se caminhou no plano do diálogo e do ecumenismo. A anunciada visita reforçará a eficácia da colaboração entre as várias Igrejas. Esta colaboração já se vem realizando ao nível da teologia e das tarefas sociais. Desde 1965 o CMI e o Vaticano mantêm relações cada vez mais estreitas e, em 1968, criaram juntos uma comissão para pesquisas sobre a sociedade, o desenvolvimento e a paz (SODEPAX).

Entretanto, quando falou desta viagem em discurso pronunciado na basílica de São Pedro, Paulo VI preferiu acentuar um pouco mais o convite que lhe havia sido feito pela *Organização Mundial do Trabalho*, para pronunciar uma conferência durante a comemoração de seu 50º aniversário. Esta atitude de Paulo VI revela, mais uma vez, sua preocupação com a justiça social.

Esta próxima viagem do Papa a Genebra deve ser compreendida dentro do enorme esforço que a Igreja vem realizando para ser fermento no mundo (Mt 13,33-34). Cria, também, uma ocasião privilegiada para ela mostrar novamente a importância do mundo do trabalho.

# COMUNICAÇÃO

## A FUNDAMENTAÇÃO EVANGÉLICA DA VIDA RELIGIOSA

CARLOS MESTERS  
Da comunidade do Carmo  
— de Belo Horizonte

Pedidos à CRB:  
Av. Rio Branco, 123/10.º andar  
Rio, GB



# CONSTRUINDO A PAZ

## OU UM CONSTRUTOR DA PAZ



**D**ia 30 de janeiro próximo passado, faleceu repentinamente em Lovaina o padre George Dominique Pire, com 59 anos. Esse nome é pouco conhecido no Brasil. Trata-se, entretanto, de um *prêmio Nobel da Paz*. Padre Pire foi um dos mais inteligentes promotores de entendimento entre os homens nestes 25 últimos anos. Dedicou toda a sua vida, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial, a promover a reconciliação das nações, que pou-

co antes se digladiavam e se entre-destruíam.

Nascido em Huy, na Bélgica, em 1910, ingressou na ordem dominicana e, após brilhantes estudos, foi nomeado professor de moral na Escola Teológica de La Sarte. Cedo, porém, o espetáculo da miséria humana o levou a abandonar a carreira professoral para empreender obras variadas, que viessem socorrer as necessidades mais prementes da humanidade. Suas iniciativas caminharam num crescendo ascensional, passando progressivamente de instituições assistenciais a obras promocionais cada vez mais importantes. Durante a Segunda Guerra Mundial organizou dispensários e clubes recreativos, que atendiam a crianças pobres e semi-abandonadas. Em 1949, sua atenção se voltou para inúmeros emigrantes, deslocados, que vagueavam pela Europa e se estabeleciam como marginais nos subúrbios das grandes cidades. Havia pais separados dos filhos, mulheres viúvas ou sem saber se seus maridos tinham morrido na guerra ou se ainda sobreviviam. Sem distinguir raça, país ou religião, padre Pire empreendeu em vários pontos da Europa, especialmente na Bélgica, em Luxemburgo e na Alemanha, a construção das aldeias ou vilarejos da paz, onde êsses deslocados de guerra poderiam reconstruir seus lares e reencontrar os elementos dispersos de suas famílias. Uma organização composta de 18.000 patrocinadores benévolos, assegurava a construção das casas, a manutenção dos lares e a recuperação física e profissional de seus moradores. Sete vilarejos deste tipo formaram o que o pa-



dre Pire denominou a *Europa do Coração*, a mais importante realização coletiva para resolver o angustiante problema do após-guerra. Esta iniciativa se ampliou posteriormente, levando o padre Pire a se empenhar em uma verdadeira campanha de conscientização internacional em favor da paz e da fraternidade humana, com a fundação, em Bruxelas, da *Universidade da Paz*, centro de estudos e conferências sobre todos os problemas relacionados com a promoção da paz, não utópica ou sentimental, mas real e concreta. Para isso, tornava-se necessário combater os obstáculos existentes, em diversas partes do mundo, contra a convivência pacífica e o desenvolvimento orgânico das nações.

O Terceiro Mundo atraiu o interesse especial do padre Pire, que empreendeu então a fundação de *Ilhas da Paz*, isto é, campos de experiência-piloto para a promoção humana e desenvolvimento de certas regiões, particularmente flageladas ou desoladas. No Paquistão foi criada uma florescente cooperativa agrícola e outra obra congênere foi iniciada na Índia. Padre Pire projetava estender tais experiências a outros continentes, quando a morte veio súbitamente interromper sua inconfundível atuação pessoal, mas não interrompeu o movimento por ele fundado. Movimento que, como todas as iniciativas fecundas e bem lançadas, está destinada a sobreviver a seu autor.

Além do que escreveu no boletim do movimento por ele criado, *De Coração a Coração*, padre Pire nos deixou um único pequeno livro, que é a suma do seu

pensamento, *Bâtir la Paix* (Construir a Paz) — Ed. Marabout, Verviers, 1966, o qual além de um prefácio de Robert Oppenheimer e o relato da recepção do prêmio Nobel da Paz, em 1958, em Oslo, contém as principais conferências pronunciadas pelo autor durante sua vida. Dêste livro destacamos apenas estes dois parágrafos significativos, que são um convite para a leitura do admirável opúsculo, cuja tradução para o português, desejamos seja realizada brevemente:

“A paz é mais do que a cessação do troar dos canhões! Ela representa um estado de harmonia, muito superior ao simples estado de mera coexistência pacífica, emperrada em seus cálculos, envolvida em ressentimentos, afrontamentos ideológicos, preconceitos raciais e nacionais, que permanecem como bombas de espera, prontas a explodir em diversas partes do mundo. Na realidade, não é tanto o desarmamento material que importa, mas o desarmamento dos corações. O advento de uma paz verdadeira não depende somente da inteligência e da sabedoria dos *grandes*, mas da modificação dos espíritos e das relações humanas, do diálogo que cada um aceitará estabelecer com o outro. O último terço dêste século será o que os homens dêle quiserem fazer. Nossa responsabilidade está comprometida...”

“O diálogo fraterno é o caminho mais certo para a paz. O diálogo é muito mais do que um simples contacto, uma aproximação amistosa, uma conversa agradável. O diálogo fraterno consiste, em primeiro lugar, nisto: cada um dos interlocutores porá

## CONSTRUINDO A PAZ



provisoriamente entre parênteses o que êle é, o que pensa, para procurar compreender e apreciar positivamente o pensamento alheio... Cada qual deverá procurar sair de si para ir ao encontro do outro. Muitos procuram aplicar em seu benefício uma divisão vertical entre o bem e o mal, entre o verdadeiro e o falso. E' preciso substituir isso por uma divisão horizontal e dizer: “A fronteira entre o bem e o mal passa pelo coração de cada homem”. Nunca se tratou de exigir, de ninguém que êle seja possuidor da verdade. Trata-se de pedir a cada um que seja possuído por ela. Ora, ninguém está totalmente possuído por ela como ninguém está, dela, totalmente destituído”.

A última tentativa do padre Pire para promover a paz foi, pouco antes de sua morte, a de receber em Bruxelas, em lares da *Universidade da Paz*, estudantes expulsos da Tchecoslováquia.

F. Raimundo Cintra

# UNIDADE OU COMUNHÃO

BRENO SCHUMANN

«Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor» (1 Jo 4,7-8).



«Filhinhos, não amemos só de boca, nem de língua, senão com atos e de verdade. Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte»

(1 Jo 3,18; 14-16).

Em um "balanço da situação ecumênica", publicado há alguns anos (e que não teve maior divulgação entre nós), Visser't Hooft, presidente de honra do Conselho Mundial de Igrejas, chamava a atenção para o fato de a palavra *unidade* ser extremamente rara em o Novo Testamento. Em compensação, existe outro conceito, bem mais freqüente, que poderia fornecer a exata interpretação do que seja unidade dos cristãos: *koinonia*, ou seja, *comunhão*.

Nos textos neotestamentários, *comunhão* sempre significa *participação comum* da nova vida que é dada em Cristo: "Se andamos na luz, como êle (Cristo) está na luz, então estamos em comunhão uns com os outros" (1ª Epístola de São João 1,7).

A consequência primeira dessa comunhão é que as dádivas oferecidas a cada cristão, a cada Igreja, sejam repartidas, sejam intercambiadas. Isso significa que a comunhão implica em abertura recíproca: cada cristão, cada Igreja, podem e devem estar prontos a receber as dádivas do outro. Em termos bíblicos, a solidariedade implícita na comunhão vai tão longe que a coleta feita para os pobres de Jerusalém é igualmente chamada de *koinonia*. (Epístola aos Romanos 15,26).

Sob esse ponto de vista, torna-se evidente que certo tipo de debate acerca da unidade da Igreja só pode mesmo perder-se em consideração altamente suspeita. Em lugar de ouvir (sempre de novo!) o que seja o testemunho apostólico acerca da *uma santa Igreja católica*, alguns preferem agitar teses e conceitos de ordem ideológica ou mesmo pessoal. Esta tomada de posição, contudo, nem é possível: os cristãos, nesse assunto, não têm opção, porque a unidade da Igreja corresponde ao mandamento e à vontade do próprio Deus.

Por isso mesmo, ao contrário do que poderiam imaginar alguns, a unidade da Igreja não representa certa "situação ideal". A unidade é marca, sinal distinto, característica própria da Igreja. Orar por essa unidade, trabalhar e sofrer por ela, alegrar-se com ela são formas de testemunhá-la, confessá-la, em suma: viver as palavras do *Credo*.

A razão pela qual o Novo Testamento usa tão pouco o conceito de unidade é simples: a unidade

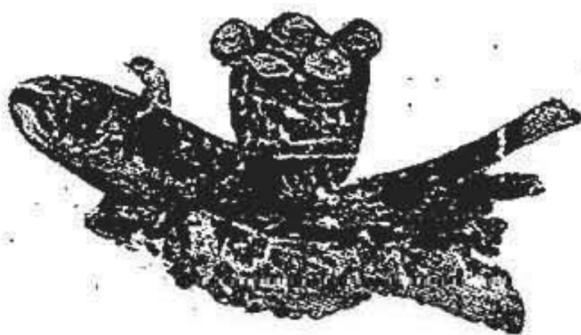
dos cristãos é considerada como ponto pacífico, coisa evidente, premissa indiscutível. Desde o Antigo Testamento, a dispersão do povo de Deus é sinal do juízo; sua reunião, pelo contrário, implica em salvação. Eis por que a dispersão é consequência da desobediência, mas o objetivo de Deus é a reunião. Cristo, o Pastor, veio justamente para reunir todos os filhos dispersos de Deus, em todo o mundo. A Igreja é essa união, em última análise. Assim sendo, quando o Novo Testamento fala da "solicitude por conservar a unidade do espírito mediante o vínculo da paz", esclarecendo que só há "um corpo", "um espírito", "uma só esperança", "só um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus e Pai de todos" (Epístola aos Efésios 4,3-6), ninguém precisará sentir falta da "uma Igreja": ela está subjacente, implícita em toda a relação de "unidade".

Mas qual é o significado da unidade da Igreja, confessada e expressa através da comunhão, se considerarmos o movimento ecumênico? Nos últimos anos levantaram-se vozes que pretendem dissociar duas realidades intimamente relacionadas: unidade e ecumenismo. Ignorando (isso é possível?) documentos marcadamente ecumênicos, oriundos do Vaticano II (*Lumen Gentium, Gaudium et Spes, Dei Verbum, Unitatis Redintegratio*), e tentando perverter hábilmente o verdadeiro sentido de diversas proclamações do Conselho Mundial de Igrejas, há quem procure insinuar que o movimento ecumênico teria intenções pouco ou na-

da compatíveis com a fé cristã. Talvez nem todos se dêem conta de que no momento, tais assertivas atingem, indiscriminadamente, a todas as Igrejas. Porque todas as Igrejas estão engajadas no diálogo ecumênico. Além de inúmeros contactos bilaterais (no mundo inteiro), o encontro ecumênico erige mais um *sinal de reconciliação* com a visita de Paulo VI (em nome, portanto, da maior Igreja cristã) à sede do Conselho Mundial de Igrejas (ao qual se filiam todas as outras confissões cristãs, sejam ortodoxas, anglicanas, protestantes ou velho-católicas). Atacar desbragadamente o ecumenismo, portanto, equivale a colocar-se fora da comunhão cristã, dizer não à reconciliação, apostatar da fé na *uma Igreja de Jesus Cristo*. Aceitar o testemunho bíblico acerca da unidade, pelo contrário, equivalerá tudo fazer para que a unidade

**«Ninguém jamais viu a Deus; mas se nos amarmos uns aos outros, Deus habita em nós»**

(1 Jo 4,12).



cristã se torne plena, visível e vivida.

Tudo isso não significa (nem jamais significou) que esteja suspensa, esquecida, relativizada a *questão da verdade*. Comunhão e reconciliação só são possíveis onde houver verdade e amor. Unidade não é (nunca foi nem poderá ser) um fim em si mesmo. Decorre da unidade que passamos a ser incorporados na história de Jesus Cristo. Passamos a compartilhar de sua presença eficiente e dinâmica no mundo. Nunca é demais lembrar que a unidade tem muito a ver com a renovação da Igreja. Ecumenismo nada tem a ver com "negociações" entre "instituições", tendo em vista a "unidade orgânica". O movimento ecumênico, justamente porque encerra a fase do isolacionismo, desencadeia

a renovação, cujo primeiro passo se chama conversão. Nenhum cristão poderá ser tão arrogante a ponto de dispensar a conversão diária, a resposta cotidiana da fé, a reiterada aceitação da graça. E o que é válido para um, vale para todos. A unidade é dom de Deus, que se converte em tarefa, em compromisso de todos nós. Abster-se de participação no movimento ecumênico é o mesmo que deixar de assumir a tarefa que Deus nos confia. Agredir o movimento ecumênico é o mesmo que rejeitar a dádiva de Deus. Isso sim, seria esquecer a verdade!

E' provável que algumas das críticas (bem-intencionadas) que têm sido levantadas contra alguns métodos do movimento ecumênico, decorram de falhas na apresentação de seus motivos. Seja como fôr, o resumo do que se disse acima representa a única motivação possível para o ecumenismo. Voltando a citar Visser't Hooft, "a comunhão pertence à própria essência da Igreja e qualquer forma de cisão obscurece o plano de Deus em relação a seu povo... A Igreja não precisa de comunhão porque isso seria útil, desejável ou agradável, mas porque comunhão pertence à substância de sua vida. A Igreja é comunhão universal". Quaisquer outras considerações que forem feitas a respeito, por mais importantes e valiosas que sejam, nunca poderão sobrepor-se ao caráter fundamental dessa motivação do movimento ecumênico. Pode-se, inclusive, dizer que o ecumenismo, apesar de toda a reflexão teológica que

tem suscitado, nada tem a acrescentar ao significado da unidade. O movimento ecumênico é, nada mais e nada menos, resultado da ação de um Deus que tudo fez e tudo tem feito para que seu povo se reencontre. E' a resposta a uma vocação divina. Seus métodos, a discussão em torno do que é prioritário e secundário, tudo isso são questões abertas. Questões que não se respondem com insinuações caluniosas, mas com a criatividade alimentada pela "ousadia da esperança" (Heb 3,6). Questões que, superando meias-verdades e preconceitos, voltem ao que é básico: a palavra de Cristo. "Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8, 31-32).

Nesse contexto, lembremos as palavras de Paulo VI, quando da audiência geral, que teve lugar durante a Semana de Oração pela Unidade Cristã: "E' de um comum exame teológico objetivo e sereno da verdade revelada e vivida fielmente pela tradição genuína do ensino eclesiástico que se pode conhecer qual é o essencial patrimônio doutrinal cristão, tudo o que dêle se pode autenticamente enunciar juntos, em termos diferentes, substancialmente iguais ou complementares, e é possível e finalmente vitoriosa para todos a descoberta daquela identidade da fé, na liberdade e na variedade das suas expressões, pela qual a união pode felizmente ser celebrada com um só coração e uma só alma" (cf. At 4,32).

LEIA

ASSINE



CONVERGÊNCIA

# CONVERGÊNCIA CONVERGÊNCIA



Amigo,  
Convergência publica, mensalmente, análises que buscam soluções reais, experiências que interessam a todos, acontecimentos da Igreja no mundo, críticas sobre filmes... Convergência está aberta a todas as sugestões que visem o bem dos homens e um cristianismo presente no dia de hoje. Assim, Convergência deseja crescer como um instrumento da Igreja no Brasil. Renove, pois, sua assinatura e dê uma outra de presente a seu amigo.



# LONGE DÊSTE INSENSATO MUNDO



Um valor que se vai perdendo, vai também se tornando cada vez mais precioso aos olhos daquele que o tem em grande estima. É o caso do romantismo. Este romantismo de que os jovens de hoje fingem (notem bem! fingem) não gostam. Com guitarras eletrônicas e cenários psicodélicos querem afugentar tudo quanto é romântico. Querem ser *autênticos*, sinceros e durões... No entanto, o romântico está no fundo do ser humano. E é daí que aflora, sempre que o jovem se acha em presença de um real valor romântico do passado. Eu fico pensando, por exemplo, no respeito com que os jovens, em certo festival, ouviam Sílvio Caldas, o velho cantor de um passado próximo.

Ninguém do tempo de Thomas Hardy poderia compreender esta introdução sobre o romantismo, pois ele, Thomas Hardy, é quem era execrado pelos contemporâneos como escritor "realista e obscuro" (!). Seu realismo chocava o público da era vitoriana. As pessoas de então julgavam sua obra inaceitável. Mas quem através da literatura, do teatro e do cinema se familiarizou com todas as manifestações da miséria, da violência e das perversões humanas... quem, como nós, aprendeu a não ter medo de Virginia Woolf, pode encontrar no livro mais típico de Hardy a síntese de tudo quanto aos olhos modernos continua valendo tipicamente como romântico: ambiente à luz de vela, costumes da época, poesia da natureza e, sobretudo, um amor inspirado por sentimentos de coração e não por meros reflexos eróticos.

Guido Logger



## A estória

O centro fascinante da estória é Betsheba Everdene. Para a época, ela é uma mulher emancipada e independente, levando à prosperidade e ao rendimento uma velha fazenda herdada em condições precárias. Ela sabe como tratar os colonos e os negociantes espertalhões. Betsheba pertence àquele tipo de mulher que encontramos a miúdo na literatura anglo-saxônica de baladas e de sagas. Mulher que tem algo de fada e de duende. É mistério e charme, embora não seja cem por cento simpática. A Betsheba do filme é uma irmã anglo-saxônica de Scarlet O'Hara de *E o vento levou* (novamente num lançamento mundial e provando a minha tese sobre romantismo). É uma espécie de Cathy de *O morro dos ventos uivantes*, das irmãs Brontë. Betsheba desperta o amor em três homens. Um amor diferente conforme o caráter de cada um. Para o pastor de ovelhas é um amor paciente e fiel, amor que se entrega com ternura. Para o proprietário Boldwood é uma paixão que finalmente se destrói. Para o sedutor sargento Troy é um amor egocêntrico e interesseiro, que apenas sabe receber. Claro que a mulher fatal será a vítima do homem fatal, sem escrúpulos.

### O autor Thomas Hardy

O título original do filme foi tirado de um verso de Gnyay que encontramos em *Elegy in a churchyard*, que é considerada a obra

mais lúcida de Thomas Hardy. Escrita em 1874, ainda não mostra aquele tom sombrio de seus escritos posteriores. Está intimamente ligada à terra natal de Hardy e à poesia da paisagem de Dorset, que sempre se apresenta em seus livros com o nome de Wesse, chamada por seus admiradores *Hardy country*. O grande valor da versão cinematográfica do livro está na integração admirável da paisagem de Dorset na estória. A natureza acha-se presente em todas as fases da vida de Betsheba, personagem viva e dominadora. A paisagem, ora tempestuosa, nebulosa, ameaçadora, ora solarenta, verdejante e pacífica, é sempre um pouco lúgubre, como sempre acontece nas velhas baladas. A seqüência mais bela, neste sentido, é aquela em que Francis Troy procura impressionar sua Betsheba recém-conquistada com um ameaçador ritual de sabre. A câmera pega, num grande plano de conjunto, o infinito e as colinas sob a luz do verão, sob ângulos surpreendentes, acompanhando o jogo cruel com a leveza de um balé, diminuindo a figura da moça de branco e do oficial de vermelho, no meio de um verão sem fim...

### O cineasta John Schlesinger

À primeira vista parece um pouco esquisito encontrar o nome deste autor, chamado "neo-realista" por alguns críticos, encabeçando os créditos. Prova isto mais uma vez que o crítico nem sempre pode encaixar os cineas-

tas dentro de esquemas rígidos. Autor de *Ainda resta uma esperança* (A kind 'of loving), *O mundo maravilhoso de Billy Liar* (Billy Liar), e *Darling*, apresentando a *swinging* Londres e os *angries*, ele revela, mesmo nesses filmes aparentemente modernos, toda sua veia romântica. Seu romantismo é fino, poético e legítimo, oriundo de um gênero literário do qual se pode gostar ou não, mas que não se pode negar. Schlesinger evoca toda uma época. E a maneira de fazê-lo prova seu bom gosto na direção e na condução da câmera. Há um quê de moderno que o distancia de *E o vento levou*, por exemplo. Seu enquadramento é da pintura moderna e seus *travellings* são visivelmente feitos num helicóptero. Quando o diálogo não tem importância para o espectador, ele tira simplesmente o som. A proximidade de alguns trechos é compensada pela intensa poesia visual.

Julie Christie é a mesma romântica Lara de *O Doutor Jivago*, a mesma mulher altaneira e persistente, evitando qualquer efeito melodramático. Melodrama, eis a palavra que alguns críticos usaram a respeito do filme na sua totalidade. Classificação fácil que não corresponde à realidade do gênero romântico, do qual, repito, pode-se não gostar, mas que encontra ainda um público que se distancia da insensata multidão ávida de sangue, violência e sexo. Dignidade e fidelidade ao amor que vence todos os obstáculos são coisas raras no cinema contemporâneo!

o infinito e as colinas

o ameaçador ritual de sabre

a leveza de um balé

e pouco a pouco sempre  
mais longe

a moça de branco e o

oficial de vermelho

no meio de um verão sem  
fim



## ESTANTE DE LIVROS

### PASTORAL DA VOCAÇÃO

O livro enfeixa conclusões e síntese doutrinal do I Congresso Latino-Americano de Vocações, II Seminário Nacional de Teologia da Vocação, e do IV Encontro Nacional de Vocações, elaboradas sob a responsabilidade de Frei Alano Pôrto de Menezes, OP, e Padre Jéfferson Ildefonso da Silva, SSS. — Editôra Vozes, Petrópolis 1969, 76 pp.

“Cada homem, cada cristão, tem uma única vocação: a vocação fundamental vivida na santidade de um estado de vida e exercida no ministério para o qual Deus o escolheu (p. 50).

... podemos afirmar que cada vocação na Igreja é um carisma, isto é, um dom de Deus a serviço de toda a comunidade e de todos os homens. Nesse sentido, cada estado de vida, vivido à luz do Evangelho, é essencialmente apostólico (p. 49).

A vocação fundamental cristã e as vocações específicas não surgirão fora de uma comunidade real, onde as pessoas humanas hão de realizar sua aliança (p. 26)”.

Dessas três afirmações dependem as idéias da pastoral vocacional tais como são expostas no livro em aprêço. Premissas fundamentais, de que infelizmente não são tiradas as conclusões que se fariam esperar. Os documentos não alcançam ir até as últimas conseqüências. Enquanto, por exemplo, afirmam a necessidade de inserção numa comunidade real, continuam a defender, por preocupação de fidelidade mal entendida a documentos do concílio, os seminários menores, sabidamente superados como instituição e como método de cultivo de vocações.

O apêlo constante a comunidades vivas de fé, sem no entanto, pôr em questão decidimen-

te a paróquia no trabalho vocacional, é outra manifestação de premissas maiores do que as conclusões, pois as paróquias não têm hoje condições de criar essas comunidades vivas. Essas indecisões são, aliás, compreensíveis, pois o que se requer radicalmente é uma transformação profunda da pastoral e de suas estruturas, para que tenha êxito a visão profética de pastoral vocacional como é traçada no livro. Nesse sentido, o livro é sonhador. Apresenta um ideal de pastoral vocacional, diria mesmo, um ideal que nossas Igrejas estão ainda longe de atingir. Mas é válido, pois representa um passo à frente na reflexão teológico-pastoral. Uma antecipação dos tempos futuros da Igreja, vista por pessoas de aguda sensibilidade pastoral. Pode-se até perceber um progresso nesses três encontros, rumo a uma determinação mais acurada do objetivo essencial de toda a educação da fé e, conseqüentemente, da pastoral vocacional: a opção cristã madura, na comunidade.

O estilo documental do livro, relatório de encontros, dificulta a leitura, pois toda palavra é pensada, tudo é muito denso, muito preciso e conciso. A linguagem também é altamente elaborada, sobretudo na síntese teológica sobre fé e vocação (pp. 59-65). Isso talvez dificulte a penetração dessas reflexões nas bases, onde precisam chegar para poderem transformar alguma coisa na pastoral.

E. A. Cabral.

ÉTICA DOS TRANSPLANTES — Todoli. Tradução de João Carlos Pérez Bonilha, do original espanhol — Herder, São Paulo 1968, 88 páginas.

A ética e a teologia moral têm diante de si, a cada momento, questões novas e difíceis, colocadas pelo rápido progresso da ciência e da técnica. Não criam, nem imaginam os fatos, mas são chamadas a interpretá-los à luz dos seus princípios e das novas circunstâncias surgidas. “Refugiar-se nos velhos temas ou em soluções inoperantes, é deixar de cumprir a missão que lhes foi confiada”, diz o autor, na introdução (p. 1).

Um desses temas novos e difíceis é a questão surgida espetacularmente, não faz muito tempo, com o caso dos transplantes de coração, a que o autor dedica especialmente seu estudo.

Pretende “ordenar as idéias e esclarecer o tema da *moral dos transplantes*, até onde os dados da ciência no-lo permitam no momento atual” (p. 79). Até onde a ciência o permita. Realmente, ela tem muitas interrogações, muitos problemas que ainda não conseguiu resolver satisfatoriamente. E’ o que assinala Ernesto Lima Gonçalves, no prólogo do livro, a propósito da conservação do órgão a ser transplantado, e da rejeição do que já o foi (cap. VIII-X).

Distinguindo inicialmente entre enxerto e transplante, o autor passa a analisar o transplante de órgãos de “vivo a vivo” e de “cadáver a vivo”. Transplante de órgãos pares, e questões sobre o transplante de órgãos únicos e essenciais à vida, como o coração. Aqui se coloca uma interrogação importantíssima para a moralidade da operação. Quando se dá o instante da morte? Quando se pode dizer que alguém está realmente morto? Essa é a ques-

tão crucial que o autor analisa a fundo, utilizando o que a ciência e a moral podem dizer até agora. O leitor não afeito às sutilezas das questões morais, talvez encontre dificuldade na leitura. Não obstante vale a pena o esforço de acompanhar o pensamento do autor, que é bastante aberto e ao mesmo tempo prudente, como sua tarefa lhe impõe.

Embora o tema de transplantes já se colocasse à moral, a propósito de outros órgãos, o de coração é tão novo, que na bibliografia citada o autor aduz um único artigo relativo à questão, do ano de 1968. Todos os outros trabalhos citados são anteriores a 1966. Quanto ao magistério da Igreja, só apresenta discursos de Pio XII. *E. A. Cabral.*

NOVAS FRONTEIRAS DA TEOLOGIA — Coleção Teologia hoje - 3 — Duas Cidades, São Paulo 1969.

Muitas pessoas gostariam de conhecer o pensamento dos grandes teólogos protestantes contemporâneos, mas não estão em condições de ler as obras, aliás muito vastas, destes pensadores.

Em boa hora a livraria *Duas Cidades* nos oferece uma síntese do pensamento dos maiores deles, justamente daqueles que se abrem mais aos problemas do nosso tempo. Trata-se de seis conferências pronunciadas numa paróquia parisiense por teólogos protestantes sobre Bultmann, Barth, Tillich, Cullmann, Dodd e Bonhoeffer.

Aproximar de novo a teologia dos não-teólogos profissionais parece tarefa urgente. Os autores deste livro fazem isto de modo atraente — coisa nem sempre fácil. Fazem-no sem polêmicas ou preconceitos, objetivamente, embora enunciando certas críticas em forma de interrogações.

Realmente, "o conhecimento de suas posições, ainda que sumá-

rio, é imprescindível a todos para uma compreensão mais exata dos fenômenos observados na nossa Igreja" (Introdução).

*Frei Paulo Tellegen, OP.*

LAICATO — MITO OU REALIDADE — Michel Carrouges — Duas Cidades, São Paulo.

O problema do laicato ocupa o primeiro plano na vida da Igreja atual. Hoje há uma inflação dos defensores do laicato. Inflação daqueles que usam chavões, linguagem clerical, para resolver os problemas falando de "laicato adulto", de "promoção do laicato". O autor denuncia impiedosamente este mal-entendido. Muitos são os que usam os leigos para fazer pastoral. Mas se esquecem de que os homens jamais se tornarão "cristãos adultos" (laicato) se a Igreja não se voltar para o mundo e para suas esperanças. Nenhum problema do laicato será resolvido por palavras bonitas, mas pela presença do mundo na Igreja e pela presença da Igreja no mundo. Presença que supere totalmente a situação da era constantiniana, tempo em que havia uma osmose contínua entre hierarquia eclesial, sociedade leiga e pensamento leigo. Porque o mundo atual destruiu esta presença recíproca, a Igreja vive divorciada do mundo e a vítima é o laicato. A Igreja se tornou clerical e o clericalismo matou o laicato. O clericalismo é um abuso tão grande quanto o laicismo que ele combate. Não se manifesta apenas sob formas fixas. "É" tanto mais insidioso e perigoso quanto não ousa dizer seu nome, recusa tomar consciência de si próprio e se apresenta sob os mais inesperados disfarces. Se outrora o clericalismo era uma intrusão do clero nas engrenagens do estado e do feudalismo, hoje ele adota uma máscara popular e demagógica. Espera manobrar os

operários, os *leigos*, os *fiéis*, conservando ao mesmo tempo, por baixo, suas vinculações com o capitalismo, com os poderes econômicos, com os políticos, etc."

O problema central do livro de Carrouges consiste na procura de um outro tipo de osmose entre os dois universos. "Se o laicato não traz à Igreja a presença da sociedade moderna e do pensamento moderno em seus elementos representativos, é vão falar em renovação do laicato. Este permanecerá como uma simples força de complementação numa Igreja essencialmente clerical".

O maior obstáculo ao desenvolvimento da ação do laicato *fiel* e à *conversão* do laicato *separado* encontra-se nos complexos paternalistas de um clero que prega a promoção dos leigos ao mesmo tempo que tudo faz para mantê-los sob tutela. E o pretexto é sempre o mesmo: "os leigos não estão preparados para isto..." O papel da Igreja não é só o de restituir ao leigo sua autonomia mas de reconhecê-la. Eis a grande revolução que é uma simples volta ao passado. O problema da *promoção do laicato* é, antes de tudo, o problema da promoção humana dos homens... Para que a Igreja penetre profundamente na vida do povo é preciso que a vida do povo penetre profundamente na vida da Igreja, porque "o renascimento do laicato e a emancipação dos trabalhadores são vasos comunicantes".

É falsa a teologia do laicato de tantos teólogos que impede os leigos de reconquistar seu lugar na Igreja. É o leigo quem deve tomar a palavra neste terreno em que está diretamente interessado. *H. Japiassu.*

# ESTANTE DE LIVROS

## LIVROS RECEBIDOS

NOVAS FRONTEIRAS DA TEOLOGIA — André Dumas, Jean Bosc, Maurice Carrez. Trad. de Jaci Maraschin. Título do original francês: Théologiens protestants — Duas Cidades, São Paulo 1969, 117 pp.

A IGREJA NA REVOLUÇÃO DA AMÉRICA LATINA — F. Houtart e E. Pin. Trad. de Jayme Leite de Godoy Camargo. Título do original francês: L'Eglise à l'heure de l'Amérique latine. — Duas Cidades, São Paulo 1969, 234 pp.

O NOVO CATECISMO. Tradução do Catecismo Holandês. — Herder, São Paulo 1969, 611 pp.

AU SERVICE DE LA PAROLE DE DIEU — Mons. André-Marie — Editions J. Doculot, Gembloux, Bélgica 1969, 546 pp.

MEU NOVO ENCONTRO COM CRISTO — Irmã Sylvia Villac e uma equipe — Vozes, Petrópolis 1969, 191 pp.

PERSCRUTANDO AS ESCRITURAS — Frei Martinho Penido Burnier. Fascículos IV e V São Marcos (III e IV) — Vozes, Petrópolis 1969, 125 pp. e 135 pp. respectivamente.

PERTENCER À IGREJA — Por uma série de autores. Tradução de Celso Ibsen de Sylos e outros — Vozes, Petrópolis 1969, 191 pp.

DONA XEPA. SORAIA, POSTO 2 — Pedro Bloch. A 1ª é uma comédia e a 2ª é uma peça — Vozes, Petrópolis 1969, 204 páginas.

O TESTE DO DESENHO COMO INSTRUMENTO DE DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE — Dinah Martins de Sousa Campos — Vozes, Petrópolis 1969, 103 pp.

CONSAGRAÇÃO BATISMAL E CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA — Jean-Gabriel Ranquet. Tradução de Irmã Maria Angelita de Sion. Título do original francês: Consecration baptismale et consecration religieuse — Vozes, Petrópolis 1969, 142 pp.

PÍLULAS DE OTIMISMO - I — Padre Marcel-Marie Desmairais e Dom Marcos Barbosa — Vozes, Petrópolis 1969, 199 pp.

CELIBATO E COMUNIDADE — Thaddée Matura — Vozes, Petrópolis 1969, 110 pp.

A PLANTA D'ÁGUA — Vera de Vives. Coleção Feliz Idade — Vozes, Petrópolis 1969, 59 páginas.

MORRE UM GATO NA CHINA — Pedro Bloch — Vozes, Petrópolis 1969, 76 pp.

CRISTIANISMO SEM RELIGIÃO? — Gustavo Thils — Vozes, Petrópolis 1969, 190 pp.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES — Schürmann. Edição do livro: Der erste Brief an die Thessalonicher — Vozes, Petrópolis 1969, 126 pp.

AS GRANDES TENSÕES NA IGREJA PÓS-CONCILIAR — Frei Boaventura Kloppenburg e Frei Guilherme Baraúna — Vozes, Petrópolis 1969, 70 pp.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS — Santo Inácio de Loyola. Traduzido e anotado pelo Padre Géza Kövecses, SJ. — Colégio Máximo Cristo-Rei. Primeira edição, 291 pp.

LIBROS RELIGIOSOS 1967/1968 — Catálogo — Distribuidora PPC, Madri 1969, 154 pp.

A SOCIOLOGIA RELIGIOSA — Jean Labbens. Tradução de José Aleixo Dellagnele. Título do original francês: La sociologie religieuse — Ed. Flamboyant, Rio de Janeiro 1962, 127 pp.

CATOLICIDADE — André Rétif. Tradução de Valeriano de Oliveira. Título do original fran-

cês: Je sais — je crois. Catholicité — Ed. Flamboyant, Rio de Janeiro 1958, 118 pp.

O HOMEM METAFÍSICO — Régis Jolivet. Tradução de J. Duprat. Título do original francês: L'homme métaphysique — Ed. Flamboyant, Rio de Janeiro 1960, 132 pp.

A L'AUBE D'UNE ÈRE NOUVELLE — Cahiers de la Conférence religieuse Canadienne — Donum Dei 1968, 258 pp.

CATALOGUE SELECTIF DE PUBLICATIONS RELIGIEUSES FRANÇAISES ET D'INSPIRATION RELIGIEUSE — UNEEPF 1966, 122 pp.

NAQUELE ESTABULO... — Geneviève Agel. Tradução de Valeriano de Oliveira. Título do original francês: Dans cette étable... Ed. Flamboyant, Rio de Janeiro 1962, 50 pp.

A CATEQUESE — Cônego Pedro Terra — Distr. Record, 1963, 92 pp.

O SILÊNCIO DE DEUS — Charles Moeller. Tradução de Augusto Sousa. Título do original francês: Silence de Dieu. — Ed. Flamboyant, Rio de Janeiro 1958, 476 pp.

O ASSUNTO E' PADRE — Vários autores. A coordenação do livro é iniciativa dos Serra Clubs do Brasil. — Agir, Rio de Janeiro 1968, 183 pp.